

## O PEQUENO PRÍNCIPE

### 1. Referência Catalográfica.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. *O Pequeno Príncipe*. Rio, AGIR, 1974.

#### 1.1. Dados Biográficos do Autor.

Saint-Exupéry era piloto do correio aéreo nacional da França. Na rota Paris/Buenos Aires, fazia uma escala em Florianópolis, no bairro Campeche, onde há uma Rua Pequeno Príncipe. Antoine de Saint-Exupéry morreu em 1944 quando fazia um vôo de reconhecimento no sul da Itália, para os aliados. Há mais dois livros seus conhecidos no Brasil. Após ensinar a lição do amor neste livro, casou-se com uma escritora argentina viúva, que o martirizou com seus "pobres quatro espinhos" e que escreveu uma biografia dele. Pertence à geração de escritores franceses pré-sociais, pré-políticos, pré-psicológicos e pré-marxistas, impregnados de neo-tomismo e de revalorização humanista neo-platonista. A crítica ao capitalismo feita pelos Marxistas não afetara ainda os franceses, porque vinda principalmente dos alemães, seus eternos rivais. Infelizmente, foram os franceses românticos e não os anglo-saxões pragmáticos que exerceram influência na América Latina e no Brasil.

#### 1.2. Eixo da obra e relativizações.

O livro traz uma história de amor em forma de alegoria, com uma teoria francesa do amor: um bom começo; depois um desentendimento que faz o pequeno príncipe dar um giro interplanetário; e, por fim, um retorno com nova compreensão do relacionamento. É uma ilustração (saga) do fluxograma da busca do alguém amado.

Pode ser analisado também como um confronto entre os três lados do cérebro e seus mundos, com preferência pelo lado direito (pequeno príncipe) que faz a crítica do mundo intelectual e do mundo dos negócios (gente grande) e sua tediosa rotina. De um outro ângulo, pode-se observar um receituário do amor cavalheiresco (para o clube do bolinha, machista) frente a "frágeis" donzelas e seus "inocentes" truques.

## 2. RESUMO

A história toda é "contada" ao autor pelo pequeno príncipe, quando este estava de regresso a seu asteróide onde deixara sua rosa. Caminhava pelo deserto e deu com o autor que era piloto, consertando seu aparelho após um pouso forçado (na solidão, despertou o lado direito do autor retomando as vivências interrompidas pelas imposições educacionais e profissionais). Nos diálogos que se seguiram, o pequeno príncipe conta a história do seu planeta com vulcões, baobás e solidão suavizada pelo espetáculo do pôr-do-sol que podia ser visto "43 vezes num dia". O pequeno príncipe cuidava de si e de seu asteróide (seu corpo) com uma moral de ervas boas e ervas más, carneiros e elefantes que comiam flores e que era preciso amordaçar, etc. Um dia nasceu uma rosa que ele se pôs a cultivar e a gostar..., mas ela se mostrava vaidosa, exigente e mentiu sobre sua origem, o que levou o noviço no amor a descrever dela e começar a viagem interplanetária (os europeus são cheios de historietas como essa: andarilhos peregrinando em busca da verdade ou de si mesmos). No trajeto, o pequeno e desiludido príncipe visitou um rei que fazia de conta que reinava; visitou um vaidoso que vivia para ter aplausos; visitou um bêbado confuso e envergonhado; visitou um homem de negócios que só contava propriedades e lucros (o desenho representa Churchill); visitou um acendedor de lâmpioes que cumpria regulamentos antiquados num mundo que se havia modernizado; visitou um geógrafo cientista, sistematizador. O pequeno príncipe achou-os todos maníacos, mecânicos, totalmente distantes do "verdadeiro problema" que, para ele, era o dolorido amor por sua rosa. Em resumo, eram adultos...

Baixou ao planeta terra, procurando amigos humanos, mas encontrou bichos e plantas: uma serpente, uma flor, rochedos, um jardim de rosas e por fim uma raposa que simboliza a sabedoria do amor (meio estranha essa metáfora, pois a raposa sempre foi símbolo diferente disso). Esta ensinou-lhe o que é cativar, a efervescência dessa fase, o

novo modo de perceber quando se ama, os ritos para cultivar o amor, o sofrimento da separação, a saudade, a especificidade e unicidade da pessoa amada e "tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas". Depois disso, o pequeno príncipe decidiu-se a voltar e reencontrar sua rosa. Deparou-se, então, com o guarda-chaves de uma estação de trem e verificou que todo mundo corria de um lado a outro sem procurar nenhuma rosa...

Nesse ponto dos diálogos, acabada a água de beber, o pequeno príncipe e o autor caminham em busca de um poço. Encontram um poço que canta, e uma água que reflete a luz do sol, e bebem (reproduzindo um pouco a cena de Jesus e a Samaritana, fazendo também uma menção ao Natal). Era aniversário da saída de seu planeta e o momento de retornar, o que fez, negociando com a serpente: "eu parecerei morto e não é verdade..., tu sabes..., minha flor..., eu sou responsável por ela" (ecos do final de Romeu e Julieta).

### 3. PROCESSAMENTO, ANÁLISE

O livro foi escrito para revalorizar o amor, as relações de amizade e criticar o excesso de intelectualismo e interesses materiais de nossa civilização capitalista-européia. A exposição é poética, com excelentes metáforas, diálogos surpreendentes em que o adulto não entende a linguagem e os símbolos do amor, com aquarelas de grande efeito de comunicação. Para esse tema que é de lado direito, os autores tem recorrido a esse gênero (Fernão Capelo Gaivota, São João da Cruz, etc.). A tradução de D. Marcos Barbosa (ganhou uma cadeira na Academia por isso) é feliz: acessível, delicada, estilo evangélico. É claro que, do ponto de vista crítico e de uma nova postura sobre relações afetivas, o estilo é meloso, melodramático e a linguagem é medieval, calcada sobre as atitudes dos cavaleiros andantes e trovadores do século XII a respeito das donzelas castelãs a proteger e conquistar. Não foi superado o romantismo medieval.

O contexto ideológico em que foi encenada esta história de amor reproduz um pouco a história da criação (o pequeno príncipe simplesmente estava lá, mas a rosa nasceu de uma semente - ou costela); a psicologia é a da ascese cristã (das virtudes e defeitos) fazendo do pequeno príncipe um asceta, um garoto sério, um pequeno cavaleiro de capa e espada (vide o desenho) sem nada de sapeca. Talvez Saint-Exupéry não tenha lido Freud. Ou, se o leu, o teria rejeitado como os escritores franceses de sua época que eram neoplatônicos ou neo-renascentistas. O que Saint-Exupéry não percebeu é que ele tinha uma violenta fixação materna ou uma imagem de mulher feita para ser servida e protegida (os franceses são fortes nisso: veja-se Proust "Em Busca do Tempo Perdido", (leia-se mãe perdida)" e Sta. Teresinha de Jesus com sua fixação no pai, como Joana D'Arc.

O autor projetou, no livro, sua teoria da relação afetiva homem-mulher. Quanto ao contexto do poder político, econômico e sacral, o autor não expõe nenhuma teoria e contenta-se em ridicularizá-lo na figura do rei; o dinamismo da competição e dominação não é por ele enfatizado no campo maior, apenas acenado nas relações dele com a rosa e a presença do carneiro que pode comer (êpa!) a rosa. A dinâmica de sobrevivência ou o trabalho e os bens não são mencionados (os servos e não os príncipes se ocupam disso - essa a ideologia presente). Quanto à dinâmica universal, o autor tem uma postura que não é religiosa mas, sim, extraterráquea: é de transferência de níveis de energia "a morte é uma viagem de volta à rosa..." (esta volta pode ser a do autor para reencontrar sua mãe já falecida). Não há presença marcante de cosmovisão ou ideologia (nem marxismo, nem existencialismo) e sim uma reafirmação poética e isolada do romantismo afetivo num contexto feudal, medieval.

### 4. DIAGNÓSTICO

Vamos ver com um pouco mais de detalhe o tratamento dado a cada assunto. O espaço é o do sistema solar, planetário, com asteróides, viagens, pontos relativos de observação, de horário, de pôr-do-sol. Dá uma boa perspectiva de "observador extraterráqueo" por ser

aeronavegador ou por conhecer a lei da relatividade. A “viagem” de Fernão Capelo Gaivota também foi escrita por um piloto – Richard Bach.

A cronologia é acelerada, desacelerada, relativizada, de acordo com os melhores postulados da teoria da relatividade ou dos efeitos das “viagens” de quem entra em nível alfa que é próprio do lado direito do cérebro. Interessante notar que o autor situa e identifica o amor com uma atitude de infância frente à vida. Não será possível a mesma atitude em qualquer época da vida?

Os personagens da história são poucos: o pequeno príncipe em luta com baobás e vulcões; ele em relação com a rosa que, evidentemente, impõe seu poder ao pequeno príncipe. As relações dos dois estão ameaçadas não no lado afetivo, mas sim por uma luta de poder que ela está impondo a ele com superioridade.

Há que fazer notar que as figuras que ele critica e acha esquisitas são todas masculinas e que as figuras que aprecia e que tem como colaboradoras são femininas (rosa, serpente, estrelas, água e a eterna raposa tão presente nas fábulas francesas; a raposa deve ser ao mesmo tempo a mãe e a rosa). Esse negócio de príncipe será saudade da nobreza francesa ou apenas um resíduo no vocabulário francês? Na verdade, o pequeno príncipe é mandão, imperativo, exigente, sabe-tudo, um egoísta e um chato, embora poeta universal.

A ação se resume no trajeto do pequeno príncipe e na reflexão interior de aprendizagem dos disfarces e truques usados pelas mulheres que amam: “não se deve nunca escutar as flores... basta olhá-las, aspirar o perfume...; não levar a sério palavras sem importância...; devia tê-la julgado pelos atos, não pelas palavras...; deveria ter-lhe adivinhado a ternura sob os seus pobres ardis”...

No aspecto familiar não consta nada, nem pai, nem mãe, nem sexualidade, o que, se por um lado dá destaque ao afeto, por outro escamoteia esse lado da questão. Por isso, parece ser uma projeção das relações do autor com sua mãe - um Édipo sem as últimas conseqüências. Há racismo no fenótipo do pequeno príncipe: além de “nobre” é louro, olhos azuis (faltava ser protestante para ser o típico anglo-saxão), aprecia poeticamente a água e reverbera a bebedeira.

O tema se concentra no sistema de lealdade-confiança-desconfiança-competição, enfim, amor e posse do que se ama, acautelando-se contra os perigos de carneiros (chifres) gaviões, etc., que podem roubar o que se ama. O livro foi escrito antes da Segunda Guerra Mundial. Hoje sabe-se muito da fisiologia da atração (recorrência de íts), da sensação de prazer (endorfina), do funcionamento do sistema nervoso (límbico ou lado direito como regente das emoções, com seus quatro níveis afetivo, lúdico-criativo, alfa e místico) e das relações de poder que se infiltram entre os que se amam. Com isso, não se pode mais deixar a educação afetiva apenas a poetas e romancistas. A teoria apresentada pelo autor deve ser rejeitada; os ritos, reaproveitados; e uma nova educação masculina e feminina para a relação afetiva deve ser com urgência desencadeada, atendendo aos requisitos da era da informática, à revolução feminina e à nova consciência pessoal e social.

O amor normalmente desperta o espírito lúdico, mas o pequeno príncipe apaixonado não tem nada disso. Está com dor de cotovelo. Sua comunicação é de uma força extraordinária, suas perguntas derrotam a hipocrisia. A história é uma lição de amor (para namorados) dada pela raposa, o que insinua a falta de quem instrua as pessoas nesse aspecto. Será que a rosa também não precisaria de algumas lições?

Os ricos foram criticados porque não amam e não sabem o que é o amor. Mas não se sabe o que este idílico amante faria para sobreviver, que profissão escolheria já que todas parecem vazias e desumanizantes. Esta concepção de amor é semelhante à oferecida pelas religiões, o que se justifica por ser medieval e da época em que o cristianismo impôs sua cosmovisão. Mas não há qualquer alusão explícita ao mundo religioso, a não ser às mágicas luzes do Natal. Aparece o conflito, mas não a violência que o romantismo pretende esconder. O que se esconde mesmo entre os dois amantes é que - o cavalheiro querendo

proteger, quer também dominar; e a rosa, por sua vez, querendo ser protegida, quer também dominar.

Se houvesse um capítulo "o pequeno príncipe e sua rosa 20 anos depois" saberíamos das lutas de poder e as misérias da convivência que o romantismo e as novelas escamoteiam quando induzem as pessoas só até a festa de casamento encerrando a novela com: "e foram felizes para sempre"... Uma concepção de relacionamento que desconsidera se a sociedade é capitalista, socialista ou teocrática, rica ou pobre, ditatorial ou democrática, opressora ou oprimida, está sendo idealista, ingênua, irreal e enganadora.

Os ritos, devidamente valorizados, não são suficientes para regular uma relação que precisa de regras, (leia-se: de amparo) para quando os dois pombinhos se transformam em duas feras. Claro que o acendedor de lampiões e seu ridículo regulamento tem que ser vivificados por uma atitude mais realista e de mais vida que vem também do amor. Esse negócio de "ama e faz o que quiseres" não é bem assim. A regulação tem que ter feedback com a participação dos três processos mentais e não só do direito.

A busca da precedência é criticada no vaidoso, mas mantida no comportamento cavalheiresco, poético e jogralista do apaixonado, na crença da superioridade do coração (lado direito do cérebro) e da primazia do amor.

Parece exagero criticar e rejeitar uma obra tão doce como o Pequeno Príncipe. Mas acontece que ele é estrangeiro, ama mal, é um ingênuo social, transmite uma imagem masculina velha e duvidosa; e supõe um papel feminino que ofende qualquer mulher medianamente conscientizada.

## 5. FUTURIÇÃO

O Pequeno Príncipe nunca se tornou um grande livro no mundo anglo-saxão e nunca o será. Mas no mundo latino vai continuar a ser presenteado, a ser transformado em cartões com suas frases tocantes e ilustrações singelas para pessoas mais simples. Para outras pessoas, está o eterno "Cântico dos Cânticos".

## 6. RECOMENDAÇÃO

Para nossa causa indoamericana o livro é um distrativo e reforça algumas de nossas fraquezas culturais. É claro que precisamos de amor, mas não do tipo medieval, do tipo servilista ou machista masculino ou feminino. É claro que precisamos de lado direito do cérebro mas não com exclusividade; precisamos de crítica ao capitalismo e ao socialismo, às profissões e à imensa hipocrisia social implantada. Mas isso se faz eficazmente com alguma proposta global de sociedade e não apenas com loas ao amor privado, a dois. A relação afetiva ou competitiva deve receber novo enfoque não só entre dois, mas entre subgrupos, entre classes e entre países.

A América Latina tem que se defender desse imperialismo colonial afetivo e recriar seus próprios padrões para homens e mulheres que precisam do amor revolucionário, que contribua para estabelecer a nova sociedade, substituindo o padrão de vida que foi imposto e mantido até aqui por europeus tanto pelo lado político-econômico como pelo lado religioso.

O livro é válido como boa poesia romântica, (da qual não carecemos) mas não o é para a causa indoamericana.

Brasília, 23 de março de 1987.  
Waldemar De Gregori